

A TRIBUNA — Vitória, ES, sexta-feira, 06 de agosto de 1982

Uma estréia decantada

Chico Neto

"Em tempos de crise, a arte é o primeiro dos luxos a ser descartado, e o artista é o primeiro dos trabalhadores a sofrer." Assim o jornalista e escritor Amylton de Almeida introduzia a apresentação do livro **Tem Xiririca na Bixanxa**, escrito em parceria com Milson Henriques e "retocado" por Marcos de Alencar. Lançado em março deste ano após sucessivas chamadas na televisão e pitorescos anúncios do tipo "... Você não pode perder este delicioso **ménage-a-trois**", o livro peça foi escrito a pedido do grupo Ponto de Partida, que estava querendo estreiar no gênero revista.

Sendo assinada por quem o é, **Tem Xiririca...** já começou a fazer alarde antes sequer de estrar como peça — e antes, também, do lançamento do livro. Isto talvez reflita a preocupação da autoria quanto a eventuais problemas com a Censura, na medida em que, enquanto comédia de costumes, o texto ousa a incursão pelos caminhos de sátira — onde, acentua-se "a mera coincidência será qualquer semelhança".

De fato, parece ter sido em decorrência de alguns atrasos com a Censura que a comédia teve sua estréia adiada, de terça para quarta-feira. Tendo vindo de um festival de teatro em São José do Rio Preto (onde sua exibição provocou querelas inclusive com um dos autores), **Xiririca...**, com o adiamento da estréia, reavivou ainda mais o engalanado clima de expectativa já criado desde sua confecção. E, com um público pequeno (ao contrário do que se poderia supor), finalmente a peça conseguiu estreiar. Será que correspondeu às decantadas expectativas?

Bem, para início de conversa, nem sempre os melhores trabalhos são aqueles que correspondem às expectativas. Aliás, um bom trabalho sempre escapa um pouco do que se espera; uma boa obra tem por trás um talento e um talento dificilmente é atrelado às margens das previsões. Assim, dizer que um trabalho "não correspondeu às expectativas" é vago demais para uma avaliação. Mesmo porque, no teatro nada é estático ou exato o suficiente para permitir que se tratem peças como equações de primeiro grau.

Quem leu **Xiririca** em seu texto integral certamente terá sentido falta de alguns trechos importantes que, na peça foram cortados. Assim aconteceu, por exemplo, com a personagem Birtes Bêti L'áqua, vivida por Alcione Dias, que teve várias de suas falas suprimidas. Nem por isto, porém, pode-se dizer que o trabalho de Amylton, Milson e Marcos foi "descarrilhado" pelo diretor, Vital Santos. A este, conveio o acréscimo de elementos como as alegorias em personagens chaves e, até, possivelmente a mudança de algumas marcações. Mas não procede dizer que o trabalho tenha por ele sido alterado do açúcar para o pó-de-arroz, por exemplo. E os que leram o livro com certeza vão perceber isto.

Talvez o excesso de palavrões devesse ser atenuado, pois nem sempre eles fazem muito sentido no enredo, e a fala do ator costuma se perder por causa disto. Que uma revista deve ser temperada, ninguém tem dúvida; mas que nem sempre ao palavrão se encaixa na proposta da abordagem picante, é outra verdade. É óbvio que o baixo-calão tem grande importância na proposta de deboche na revista, mas ele também tem o seu lugar certo.

A peça tem dois atos, sendo o primeiro cenário a cidade de Cachoeiro de Itapemirim nos anos 50 e, o segundo, Vitória dos anos 70 em diante. A estória se passa essencialmente nos bastidores — daí a alegorização proposta por Vital Santos, já que as personagens são figuras de destaque no panorama político-econômico-social do cenário. Como um musical, a peça começa pomposa, com todo o elenco cartando o tema de abertura em trajes de gala. Como revista, ela declina, com requinte, para os vastos domínios do ridículo que imperam no mundo **real**.

Ridículo esse que não poderia encontrar melhores veiculadores do que os membros do Ponto de Partida. É onde o paradoxo se faz presente — porque viver o ridículo com classe é verdadeiramente uma arte, e é também o que distingue o gênero revista como um tanto elitizado. Afinal, não é qualquer um que pode se aventurar a fazer um trabalho de revista, e, se o gênero é elitizado justamente por não dar margem à participação de qualquer grupo, ao mesmo tempo a linguagem

do deboche tem um raio grande de alcance.

Desta forma ficou comprovado: quem quiser encarar um teatro de revista em Vitória não deve deixar de convidar Eursa Gil (Ireniêti), Marta Baião (Kátia "Walleshka") e Alcione Dias (Birtes). Eis aí um triângulo equilátero, perfeito, que é um dos muitos trunfos do Ponto de Partida. Uma grande falha técnica, porém, ocorreu na estréia da peça: a direção musical. O acompanhamento instrumental estava tão alto que pouca gente pôde perceber as letras das músicas — o que era absolutamente necessário. Como sempre, voltamos aos trunfos: Eursa e Marta conseguiram se sobressair ao defeito técnico (ambas têm gargantas privilegiadas), e muitas vezes tomaram a frente do espetáculo.

Ailton Lopes



Impecável no figurino, a peça começou pomposa

Marta (Kátia), na foto com Beto Costa (Coutinho): sem dúvida, uma ausência que jamais seria justificada numa revista

Um ponto onde o grupo inteiro merece destaque é a expressão. Plasticidade é o que nunca faltou ao Ponto de Partida, desde ao tempo em que Creso Filho entrou em cena sobre enormes pernas de pau e ainda tocando violão, até, por exemplo, a harmonia desta montagem quanto à coreografia — a cargo da professora de balé Mítzi Mendonça. Sanadas algumas falhas como a da direção musical e certos empostamentos que precisam ser reforçados. **Xiririca** é um espetáculo que não se deve perder. Principalmente por que há muitos detalhes a que se precisa prestar atenção: a dicção de Rominho Mussiello, propositadamente (e na medida) fanhosa, a desenvoltura de Eursa Gil (é marca intransferível da atriz), Marta Baião — por si só — e Alcione Dias — que faria muita vedete outrora consagrada exclamar: "As passas já foram uvas!...". Malgrado para muitos, o fato é que a peça é interessante. E também já está na hora de aprender a apreciar o teatro que, não agradando a "gregos e goianos", incomoda. Parece-nos uma função da maior importância.